

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
NÚCLEO DE ENSINO SUPERIOR DE NOVO ARIPUANÃ
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA**

RITA DE KACIA RIBEIRO DE OLIVEIRA

**AS LENDAS DE NOVO ARIPUANÃ E O FEST LENDAS COMO
MANIFESTAÇÃO CULTURAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM
PESQUISA**

Novo Aripuanã
2024




RITA DE KACIA RIBEIRO DE OLIVEIRA

AS LENDAS DE NOVO ARIPUANÃ E O FEST LENDAS COMO MANIFESTAÇÃO
Um relato de experiência em pesquisa

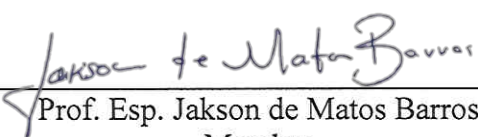
Trabalho final, apresentado a Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Centro de Estudos Superiores de Parintins - CESP, defendido no Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado (a) em História, sob a orientação do professor Me. André Luiz Passos Araújo.

Novo Aripuanã, 29 de novembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. André Luiz Passos Araújo
Professor Orientador


Prof. Me. Leonardo Lucas Britto
Membro


Prof. Esp. Jakson de Matos Barros
Membro

AS LENDAS DE NOVO ARIPUANÃ E O FEST LENDAS COMO MANIFESTAÇÃO CULTURAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PESQUISA

*Rita de Kacia Ribeiro de Oliveira¹
André Luiz Passos Araújo²*

RESUMO: A manifestação cultural de Novo Aripuanã é o Festival Folclórico de Lendas, popularmente conhecido como Fest Lendas. Este evento acontece há mais de 20 anos e tem como finalidade divulgar, preservar e valorizar as manifestações culturais aripuanenses. O surgimento do festival está associado à introdução das lendas do antigo festival de danças que se transformou em Fest Lendas. O festival se tornou uma representação cultural da cidade e impacta em diversos setores mais precisamente no aspecto cultural e conseqüentemente econômico. Buscou investigar neste artigo compreender como surgiu o festival e quem foram os agentes responsáveis pela sua criação, levando em consideração o contexto e como as lendas se tornaram hegemônicas em relação às outras manifestações existentes na época. O formato deste estudo é o relato de experiência com base na pesquisa histórica do município de Novo Aripuanã, e tem como método a História oral. Desse modo, as fontes foram coletadas a partir dos relatos dos entrevistados onde foi possível fazer análises das falas e chegar ao resultado favorável ao advento do festival na comunidade, pois ele constitui-se como uma identidade cultural que propicia a valorização da herança cultural. O festival também proporciona desenvolvimento local sendo que sua realização é indispensável tanto por interesses públicos quanto pela tradição cultural.

Palavras-chave: Festival. Cultura popular. Manifestação cultural. Folclore. Lenda.

1. Introdução

O presente estudo se propõe trazer um enfoque para o Festival de Lendas de Novo Aripuanã o (Fest Lendas) como manifestação cultural, isto é, observado através da perspectiva sociocultural. Inicialmente, o texto aborda como o evento surgiu e sua trajetória ao longo dos anos até sua consolidação. Em seguida, analisa o festival a partir dos estudos históricos como uma manifestação cultural fundamentado aos textos teóricos ligados ao tema, após a fundamentação, o artigo se aprofunda na história local do festival e análises pertinentes às narrativas sobre, depois analisa percepções dos impactos do festival no município de Novo Aripuanã. Para a pesquisa foram feitas entrevistas com pessoas que fizeram parte da criação do Fest Lendas, e também se apoia em análise documental como fotos e documentos sobre o festival. O método desta pesquisa é predominantemente balizado pela História Oral, que é

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em História, Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, Universidade do Estado do Amazonas – UEA. *E-mail:* kaciao77@gmail.com

² Professor Assistente do curso de Licenciatura em História do núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas – PPGH/UFAM. *E-mail:* luizpassos_am@yahoo.com.br

uma ferramenta essencial na coleta de dados cuja fonte é a memória, e a oralidade seu veículo. Os indivíduos a serem cooptados para as entrevistas são pessoas que possuem em suas narrativas as memórias sobre as primeiras manifestações culturais e que participaram do processo que culminou na criação do Fest Lendas.

2. Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa tem como método principal a História Oral, tendo em vista que há uma dificuldade de fontes documentais em Novo Aripuanã. Através do método da História Oral foram realizadas entrevistas que depois de tratadas, serviram como fontes passíveis de análises como requer o método.

Os indivíduos a serem cooptados para as entrevistas são pessoas que possuem em suas narrativas as memórias sobre as primeiras manifestações culturais e que participaram do processo que culminou na criação do Fest Lendas. Dessa forma, para este trabalho nos valem de 5 entrevistados, sendo eles: o Sr. Domingos Sávio Saldanha Colares, de 57 anos, um dos fundadores do Grupo de Jovens Tucumaenses – GJT, deu origem ao fest danças que também deu origem ao Fest Lendas, entrevista no dia 15 de Outubro de 2024; o Sr. Gilmar Palheta, um dos fundadores da Lenda do Tucumã, teve sua grande influência na criação da primeira lenda no município, entrevista em 17 de Outubro de 2024; o Sr. Cristiano Melo, (Tinico), de 45 anos, um dos responsáveis na fundação da Lenda do Jurupari, entrevista em 19 de Outubro de 2024; o Sr. Raimundo Antônio Corrêa Marques (Mundinho) 37 anos, compositor e colaborador da Lenda do Apurinã, entrevista em 29 de Outubro de 2024; por fim, a Sra. Cristiany Regis Pinto, de 47 anos, fundadora da Lenda ãnaupira, a última agremiação a compor o conjunto das lendas, entrevista realizada em 04 de Novembro de 2024.

No método da História Oral, os fragmentos do passado explícitos na temporalidade e nos espaços do passado presentes na memória são ferramentas para acessar ao passado. Parafraseando com Meihy, 2015, p.14: “ A história oral ao valer-se da memória estabelece vínculos com a identidade do grupo entrevistado e assim remete à construção de comunidades afins”.

3. Fundamentação Teórica

De acordo com o Dicionário de Conceitos Histórico dos autores SILVA e SILVA (2009), cultura, é o que os indivíduos fazem ao conviver em sociedade, sendo todo conhecimento e toda habilidade humana vivida e transmitida socialmente, os seres humanos só vivem e convivem em sociedade devido à cultura. São essas heranças que formam uma identidade cultural. São esses referenciais de vida que fazem um povo se sentir parte de uma comunidade.

Tradicionalmente, é o saber popular que faz o folclore fluir através de relações interpessoais por meio da memória coletiva. A identidade cultural se dá também da memória coletiva e individual que culmina na inserção no indivíduo em determinada comunidade, como nos afirma SILVA e SILVA (2009, p.278).

Ainda sobre a questão do folclore, pesquisas etnográficas revelam saberes tradicionais que são representados através de festividades que possuem significados para uma comunidade. A exemplo disso são os festivais Amazônicos que em sua estrutura são grandes manifestações culturais, como o festival Folclórico de Parintins, por exemplo.

O festival traz figuras vivas como o caboclo, o indígena, aborda temáticas de cunho político, voltadas para a preservação do meio ambiente, discutindo a realidade atual e os desafios futuros, na tentativa de alertar e sensibilizar a população quanto às questões socioambientais. (Souza, 2011. p.65).

As festas populares são momentos sociais nos quais os homens reafirmam laços de solidariedade, praticam a sociabilidade, se harmonizam, se unem e, assim, constroem suas identidades sociais, conforme afirma Socorro Cruz (2008, p.01). Nessas ocasiões, as atividades humanas se voltam para a representação da existência de um grupo, revelando seus traços culturais.

Numa definição geral, tudo o que o homem do povo faz e reproduz como tradição é chamado de folclore. É através dele que o homem expressa suas crenças, costumes e *lendas* (BRANDÃO, 1994, p.11). A lenda – como são chamados os grupos folclóricos do objeto exposto nesse trabalho – é uma narrativa oral ou escrita, vivida por pessoas de maneira real, e repassadas através da oralidade de forma subjetiva e com caráter místico. (MOISÉS, 1978, p. 305).

No contexto regional amazônico é comum vermos as lendas amazônicas inseridas em vários festivais da região norte, no entanto, em sua maioria, elas são apenas um elemento que

ajudam a contar a tradição e a história de um povo. Em Novo Aripuanã, localizada no Rio Madeira, acontece um festival onde as lendas são as protagonistas, o Fest Lendas, uma festa que celebra a cultura lendária através de danças, alegorias e encenações.

4. Um breve histórico do Fest Lendas

Remeter ao início das atividades que tangem o Festival de Lendas de Novo Aripuanã prescinde recuperar o fato de que o evento nasce de um movimento que acontece no seio da juventude aripuanense, como uma necessidade forte de concretizar uma prática para a qual se pudesse canalizar todo o potencial artístico, cultural e criativo daqueles jovens. Trata-se de uma festa que começou como uma brincadeira de rua, se inserindo nos festejos dos bairros e escolas, e hoje se coloca como o evento principal, possuindo até espaço próprio, o Lendródomo.

A gênese do festival está atrelada à formação do grupo de jovens ligados à igreja católica, Jovens Mensageiros de Cristo – JOMECRIS composto por Sávio Colares, Neide Weckner, Dirley Lima e outros. Lá eles desenvolviam muitas atividades para animar a juventude, porém, o ambiente parecia pequeno demais para as pretensões do grupo que pareciam se chocar com alguns posicionamentos da instituição levando-os a formarem o Grupo de Jovens Tucumaenses – GJT.

Quando eu terminei o ensino médio em 1984, eu fui para Manaus, eu fui estudar um período em Manaus, fui para o seminário, e em todo o tempo que eu fiquei em Manaus não se ouvia falar de Novo Aripuanã. Eu ouvia falar de Maués, Itacoatiara, Manacapuru...esses municípios dentro de Manaus eram muito divulgados. Nós participávamos de um grupo de jovens, o JOMECRIS, que nós saímos, deixamos de ser grupo da igreja para criar um outro grupo, o GJT [...] em 19 de agosto de 1989, o Grupo de Jovens Tucumãenses (GJT). Nós nos reunimos e criamos em frente à casa da mamãe. (Domingos Sávio Colares, 2024).

A iniciativa feita pelo grupo GJT surgiu de uma inquietação desses jovens em fazer algo pela cultura de Novo Aripuanã. Na época o município não tinha um festival que fosse relevante ao ponto de alçar a cidade a um cenário das grandes festas do Rio Madeira. Tinham uma percepção de que o município precisava entrar nos circuitos, no calendário festivo do

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Estado, uma vez que outras cidades Amazonenses já eram reconhecidas por suas festas de grande relevância regional.

Em Itacoatiara já tinha um festival, ainda tem, é o FECANI, que era assim, divulgava muito o município de Itacoatiara. E aí, eu pensei a ideia de fazer um festival de música junto com o grupo, perguntei se eles topavam fazer. Nunca tínhamos feito evento algum, nunca realizamos nada, estávamos começando ali com o grupo GJT. A nossa ideia era de fazer alguma coisa de relevância para o município (Domingos Sávio Colares, 2024).

Naquele ano, foi criado pelo GJT o Festival de Músicas de Novo Aripuanã–FEMUNA que, a exemplo do Festival da Canção de Itacoatiara, procurou se inserir como um festejo de músicas regionais, visava dar um estímulo – por meio de premiações a compositores e intérpretes, inclusive – para que os artistas locais produzirem material cultural original.

Diante do bom desempenho e repercussão do FEMUNA, houve a necessidade de buscar recursos para bancar as despesas do festival que prometia angariar mais espaço, surgindo daí a ideia de criar outro festival, em data anterior e oferecendo estrutura para as outras manifestações culturais. Nascia a ideia do Festival de danças de Novo Aripuanã – fest danças.

O GJT criou o fest dança para arrecadar dinheiro para investir no FEMUNA. Porque o FESTDANÇA era em junho, e o FEMUNA era em julho. Então, o dinheiro que eles arrecadassem no festival de dança, eles iam ajudar lá. [...] Eles eram, então, um grupo independente. [...] Eu participava também do GJT. (Gilmar Palheta,2024).

Neste cenário, o fest danças consistia num festival de danças diversas, conseguindo despertar significativa atenção e concentrando em seu portfólio de atrações, os demais folguedos da cidade. No entanto, essa configuração do festival teve um ponto de virada. A inserção de uma nova forma de expressão da cultura local entraria naquele cenário de danças diversas e seria representativa do que viria tornar-se o mais peculiar evento da cidade. A entrada de uma brincadeira que os idealizadores chamavam de lenda.

A Lenda do Tucumã foi sem dúvidas uma inovação dentro daquele festival. E já se destacava pela tentativa de exprimir algo original, que lembrava muito o boi-bumbá, mas com um toque que se diferenciava daquele tipo manifestação bovina. Conforme sua participação se consolidava no festival, a lenda foi ganhando força, notoriedade e simpatia da população de modo a sobrepujar as outras danças.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Ficava desigual para outras danças o crescimento da lenda do Tucumã, ela ganhou todos os títulos na época. A Tucumã não havia perdido no início do fest danças. Ela ganhou todos os cinco primeiros festivais que ela disputou. (Domingos Sávio Colares,2024).

Inspirados pelo desempenho da Lenda do Tucumã, surge um elemento para rivalizar à altura. Nascia a Lenda do Jurupari, que passou a competir diretamente com a sua coirmã em duelos que fizeram surgir uma categoria de disputa que abrangia somente as lendas de modo a equipara-las e isolá-las das demais atividades culturais dentro do festival.

Com o tempo, as duas lendas passaram a arrebatar toda a atenção do festival, por isso passaram a ser as últimas a se apresentar porque eram aquelas que tinham mais torcida e onde elas foram desenvolvendo a dança diferente dos outros estilos, aí criamos uma categoria só para elas. (Domingos Sávio Colares,2024).

Durante um tempo o festival ficou sob o controle e organização do GJT que o idealizou. Porém, devido ao crescimento do espetáculo e à urgência de aumento da estrutura para servir às lendas, houve a necessidade de que o evento se tornasse dependente do poder municipal, sendo transferido sua organização, financiamento, ampliação e execução para a prefeitura de Novo Aripuanã tornando-o manifestação cultural oficial do município e consolidando o Fest Lendas.

Nós criamos o FEMUNA, o fest danças onde surgiu o Fest Lendas, mas com o tempo a gente não tinha condição financeira para investir nas danças como grupo de jovens. [...] Nós procuramos o prefeito na época. A gente conversou muito com ele. Ele sentiu necessidade de ter um espaço maior [...] para fazer o festival porque esse espaço da quadra municipal não dava mais. (Domingos Sávio Colares,2024).

Quando as políticas culturais do município intervieram no festival, elas promoveram mudanças que contribuíram para a elevação do nível do espetáculo. Por outro lado, esse momento de crescimento também teve seus impactos negativos, pois tirou o protagonismo dos seus criadores que foram, aos poucos, perdendo a participação e voz nas decisões do evento.

O Fest Lendas cresceu tanto que com o tempo nós perdemos esse controle para a prefeitura. As questões políticas interferiram e o prefeito da época nos deixou de fora. A sensação foi como de perder um filho, mas entendemos que tem um poder maior e aí o festival continuou acontecendo, cresceu bastante. (Domingos Sávio Colares,2024).

Aos poucos a trajetória do festival foi mudando de curso, percebe-se que deixou de ser um evento cultural para a comunidade local passando a ter um potencial cultural com retorno

econômico para cidade. Com o impulso da secretaria de cultura, os anos seguintes foram tão importantes para o festival que outra lenda emergiu. No ano de 2002, mais uma lenda abrolhou no festival, a lenda do Apurinã, aquecendo ainda mais as disputas e tornando o espetáculo ainda mais robusto.

As duas primeiras lendas movimentavam muito o festival, tinham torcidas e cada uma conquistou seu espaço. A lenda do Tucumã por ser a primeira tinha grande número de adeptos, ensaiava na quadra da escola Guilherme, ali pela quadra do centro. Já a lenda do Jurupari se concentrava ali pela área da escola Canamari, e assim cada uma ia se popularizando. Mas, o Fest Lendas cresceu mesmo quando surgiu a Apurinã, aí tomou um impulso muito grande, ela veio lá da escola Julieta e muitos se identificaram por ser da escola. (Domingos Sávio Colares, 2024).

Nesse momento o festival já era bastante conhecido e repercutia na região. Percebe-se que à medida em que as lendas iam surgindo, elas passaram a assumir o protagonismo do fest danças, suplantando-o e se estabelecendo como Fest Lendas. Era notório que a noite reservada às lendas era a mais esperada sendo sempre mais agitadas e envoltas na disputa que seria desenrolada na arena. Com o tempo, as lendas se tornaram um fator cultural hegemônico e levaram ao desaparecimento de outras expressões culturais, pois tinham uma identidade própria que representava o imaginário caboclo local com seus temas, músicas e formas de se apresentar.

Com o tempo, as duas lendas passaram a arrebatar toda a atenção e passaram a serem as últimas a se apresentar porque eram aquelas que tinham torcida e onde elas foram trazendo músicas diferentes, letras que falavam de nossas raízes, na dança também, com passos diferenciados, mais representativos da cultura indígena (Domingos Sávio Colares, 2024).

Ao analisar a fala do entrevistado, pode-se perceber que as lendas se tornaram a maior expressão cultural do município e foram municipalizadas por força da sua própria magnitude. Daí por adiante, a atenção da comunidade e do poder público foi se voltando para as lendas em detrimento das outras danças que participavam do festival.

Essa atitude impactou alguns setores da cultura na cidade, refletindo em preocupação nos presidentes das outras danças, a exemplo as cirandas, que ficaram sem espaço notório para desempenhar suas dinâmicas. Ao desfazer o palco para outras manifestações culturais dentro do Fest Lendas a prefeitura relegou as demais manifestações à extinção ou à espaços de pouca repercussão. Foi no bojo do esfacelamento das cirandas, por exemplo, que surge

uma nova lenda surgisse no festival: a Lenda do Ænaupira, configurando a quarta agremiação criada para compor o quadro de lendas, acirrando ainda mais as disputas pelos títulos.

Por conta desses acontecimentos, o fest danças foi suplantado e em seu lugar o Fest Lendas se estabelece graças ao fator político que interferiu de forma pesada – e arbitrária na visão de alguns – nesse processo. Ao perceber o desenrolar da trajetória das lendas, sua consolidação como elemento centralizador e representante da cultura de Novo Aripuanã, tem-se uma dimensão do quanto as manifestações culturais são fatores de identificação de um povo, criando estilo, formas, conteúdo que são elementos de reconhecimento da identidade do lugar. É evidente que à medida que ele se expande, vai se afastando do seu centro de gravidade, porém, leva consigo as bases culturais por meio de seu léxico próprio e peculiares que o torna passível de ser identificado em qualquer lugar.

Desse modo, pode-se cogitar que essa festividade, que se traduz num espetáculo de simbolismos regionais, que representam os povos indígenas e o homem da floresta amazônica, vem se popularizando e, principalmente, nos últimos anos atraído pessoas de muitas partes do estado do Amazonas.

5. Um breve histórico das lendas

Levando em consideração que as manifestações populares representam uma necessidade de não apenas criar espaços de recreação, mas também de expressão de cultura, pode-se observar as lendas de Aripuanã como fruto de uma revisão das práticas culturais vigentes em busca de originalidade. Essa busca enseja uma narrativa que nasce das interações cotidianas nos mais diversos espaços e ganham proporção à medida em que são reconhecidas como legítimas e garantidoras da originalidade. Este item do relato objetiva demonstrar como nasceram as lendas.

A década de 1990 foi o palco para repensar a forma como as manifestações culturais na cidade ocorriam. A necessidade de construir um evento representativo da cidade, o esforço em conceber algo original, a disputa por espaços, eram desafios que ofereciam aos jovens da cidade inspiração.

É movido por esse ímpeto que Gilmar Palheta teve a ideia de criar algo novo para participar do festival.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Eu me lembro que a dança que foi campeã foi a dança portuguesa, e eu dançava na ciranda do amor nessa época e nós apresentamos uma dança também nesse ano de 1996, que era o Machões do Barranco, que era uma dança, não para competir, mas para participar mesmo do festival, só para brincar”. Só que no ano seguinte, a gente resolveu criar uma dança, que foi a Lenda do Tucumã. (Gilmar Palheta, 2024).

Em meio às outras manifestações culturais existentes como quadrilhas e cirandas, a ideia da criação das lendas pode ser vista como uma tentativa de reorganizar as práticas culturais e criar algo que representasse efetivamente a cultura local. Assim, à luz dessa perspectiva, em 21 de maio de 1997, surge a Lenda do Tucumã, criada por Gilmar Palheta e Gerdinho. Segundo Gilmar, a ideia de criar a lenda surgiu de uma simples roda de conversa entre amigos e de forma improvisada, pois o dia do festival estava próximo.

A gente sentou, eu e ele primeiro, para ver o que tinha a fazer. No primeiro momento eu pensei em colocar a lenda da cobra grande, de contar a história, de Honorato, Maria Caninana. Depois decidi colocar Lenda do Tucumã porque tucumã é o símbolo da terra. (Gilmar Palheta, 2024).

De acordo com o entrevistado, a ideia de lenda foi fundamentada no conjunto de contos amazônicos, no imaginário e dos mistérios típicos do folclore nortista. Ao remeter a isso, ele afirma:

Nós criamos a lenda e fizemos a história baseada na lenda do Guaraná. No Guaraná morre uma criança e nasce o pé de Guaraná. E na lenda do tucumã, morre uma criança e nasce um pé de tucumã. (Gilmar Palheta, 2024).

Essa adaptação, foi uma forma de inserir elementos regionais, pois esses elementos seriam as características próprias da lenda. Aos poucos a lenda foi se instituindo e tomando forma. É importante destacar que a narrativa que compõe a lenda é fruto da imaginação dos criadores, não estabelecendo qualquer conexão com os mitos indígenas, exceto pela inspiração.

O movimento cultural iniciado pela Lenda do Tucumã foi tão significativo que, fez com que outros movimentos pudessem aparecer, a exemplo da Lenda do Jurupari, que foi a segunda lenda a emergir nesse processo. Fundada no dia 04 de Abril de 1999 por Izailson dos Santos, Cristiano de Melo, Robertinho Vieira e Nonato Nogueira, a Lenda do Jurupari emerge como forma de fazer frente à Lenda do Tucumã.

A gente dançava na Afro-Brasileira e na época surgiu a Lenda do Tucumã. Aí eu gostei da ideia, e tive a ideia de fazer uma lenda também. Aí fomos

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

criar um nome para lenda, pegamos um livro de História e encontramos o nome Jurupari, que foi o nome batizado para a lenda. (Cristiano Melo, 2024).

A lenda do Jurupari, teve – assim como a lenda do Tucumã – sua inspiração em lendas/mitos já consagrados pelo folclore amazônico, porém, radicalmente adaptadas ao sabor da criatividade de seus fundadores, sem obedecer a qualquer cânone do lendário estabelecido. Em sua entrevista, um dos fundadores da lenda do Jurupari fez a seguinte definição:

Estávamos em uma rodada de amigos e pegamos um livro de lendas, folheando o livro, encontramos o nome Jurupari, que na verdade é um demônio, é um personagem da lenda do guaraná, mas na lenda do Jurupari ele é uma divindade, um Deus indígena o símbolo maior da nossa lenda. (Cristiano Melo, 2024).

Assim, é interessante que os seres míticos foram ressignificados para compor o enredo das lendas, denotando um significativo descompromisso com as visões mitológicas consagradas, o que dá a eles mais liberdade para criar e estabelecer um imaginário com símbolos e significados totalmente reorganizados preconizando o aspecto da originalidade.

A novidade de ter lendas no festival foi bem recebida pela população que respondia com suas torcidas, tornando-se cada vez mais populares e despertando a atenção para as temáticas amazônicas expressas no desenrolar dos espetáculos.

Nesse contexto, a professora Soraia Regina, que ministrava a disciplina de Ensino das Artes na Escola Estadual Julieta, levou o assunto das lendas para suas aulas. Como avaliação, designou aos alunos que fizessem uma pesquisa e criassem uma lenda dando origem à Lenda do Apurinã no ano 2002, elaborada por um grupo de alunos liderado por Jorge Weckner. Desse modo, a lenda passou a fazer parte do grupo de lendas de Novo Aripuanã como narra o entrevistado:

Durante as aulas de Artes a professora Soraya Regina abordava temáticas sobre mitos e lendas, e foi solicitado que os alunos teriam que criar lendas inéditas. Dentre as quatro lendas apresentadas, a que mais chamou atenção foi a lenda do Apurinã que tinha como líder do grupo o jovem Jorge Weckner. O nome da lenda é uma homenagem aos povos da etnia Apurinã, que está espalhada no Amazonas. O trabalho repercutiu positivamente que a lenda foi convidada para participar do Fest Lendas no ano de 2003. Daí por diante a lenda se inseriu no festival e passou à concorrer com as outras lendas. (Raimundo Antônio Corrêa, 2024).

Anos depois, forçada pela grandiosidade que as lendas imprimiam ao fest danças, e resultado de uma ação do poder público em retirar as cirandas do festival, surge a mais nova das lendas. Fundada por Cristiany Regis e Doraci, no ano de 2019, a lenda do ãnaupira,

emerge no Lendódormo como resultado do fim da categoria de ciranda no festival da cidade. Dos escombros do que antes era uma ciranda, a lenda ãnaupira estabelece um novo conjunto de elementos e símbolos para estabelecer um imaginário sobre a valorização da cidade e na figura feminina indígena e se firma como mais uma das lendas do Fest Lendas.

A lenda ãnaupira [surge] por imposição política após o fechamento do Fest danças onde nós participávamos na categoria de cirandas. No festival, cirandas, lendas e quadrilhas tinham que prestar conta com a prefeitura, e teve uma ciranda que não prestou de contas, isso resultou no cancelamento da participação das cirandas no festival. (Cristiany Regis, 2024).

O nome da lenda, assim como as demais não se interessa por fundamentação pautada na literatura consagrada a respeito de lendas. Pelo contrário, na busca por ser mais original possível, as criadoras da lenda se propuseram a fazer uma homenagem à cidade de Novo Aripuanã, conforme atesta Cristiany:

O nome da lenda é uma homenagem à cidade. ãnaupira é Aripuanã do avesso. Também decidimos usar as cores da bandeira do município, que é azul, amarelo e branco. E a nossa figura simbólica que representa a lenda é uma indígena, uma mulher guerreira e forte uma referência à mulher aripuanense. E assim foi escolhido o nome. Eu que escolhi, eu que montei a história.” (Cristiany Regis, 2024).

O movimento popular feito pelas lendas mudou as perspectivas culturais de Novo Aripuanã. Com um tempo, as lendas foram saindo dos bairros, das ruas, escolas, e se consolidando no festival e conquistando o apreço da população. Aos poucos foram se estruturando, mas sem perder seu significado, enriquecendo-se e criando identidade própria. O brincar de lenda se constituiu a maior manifestação cultural da cidade pela sua originalidade. O contexto cultural foi um combustível para a criação das mesmas, no festival de Novo Aripuanã elas se legalizaram como agremiações, e assim se tornaram protagonistas do evento.

6. O Fest Lendas e suas referências

Ao se debruçar na busca por um elemento inspirador sobre as lendas aripuanenses, é inegável que se reconheça a apropriação de esquemas oriundos do Festival Folclórico de Parintins. Este ato de uma manifestação cultural influenciar e ser influenciada por outra, pode ser explicado a partir do conceito de “hibridação de culturas” que propõe, na perspectiva de

Canclini, (2011, p.22) , que aquilo que é popular é constituído em processos híbridos, ou seja, elementos combinados de outras culturas, que inserem novos elementos de suas tradições passam a fazer parte do contexto local. Por essa ótica, pode-se dizer que a idealização do Fest Lendas não renunciou a compilar características de outras manifestações culturais. Assim, fica patente na própria fala dos depoentes que esta é uma realidade. Porém, outros elementos se juntam a essa inspiração e promovem uma mistura de formas de fazer o espetáculo.

As lendas possuem influência do Festival de Parintins, porém lá em Parintins são as toadas, e aqui nós temos a “lendada³”. O próprio boi de Parintins tem influência do Bumba meu boi do Maranhão [...] no Fest Lendas o ritmo é mais acelerado” (Raimundo Antônio Corrêa, 2024).

As lendas assim como outros festivais amazônicos de cultura local visam trazer elementos do cotidiano. As lendas são histórias muito comuns na comunidade de Novo Aripuanã, a lenda do boto, da cobra grande, do mapinguari, do curupira, são mitos de fazem parte do imaginário caboclo, motivo pelo qual os criadores das lendas resolveram levar para o festival de lendas. Isso quer dizer, que embora as lendas possuam uma narrativa que contextualiza o seu nome, no ato da encenação, os elementos mitológicos amazônicos sempre se fazem presentes e aparecem para compor aquele cenário típico da região interpretadas de forma peculiar.

Nós queríamos um ritmo original, diferente do que a gente tinha nas outras danças e de outros festivais, a gente queria um pouco do ritmo do gambá⁴misturado com outros ritmos. Nós sempre pensamos nisso, algo regional, uma mistura de gambá com toada. (Gilmar Palheta, 2024).

Esses referencias também são percebidos nos elementos dispostos para a avaliação dos jurados são muito parecidos com aqueles destacados no Festival de Parintins. Porém, ao buscar a originalidade, nas lendas como agremiação, os destaques recebem outros nomes equivalente aos itens no boi-bumbá. Dessa forma, tem-se, por exemplo, a Guerreira Indígena, equivalente à Cunhã Poranga, ou ainda, o Xamã, que é análogo ao Pajé, Guardiã da Lenda que referente à Porta Estandarte. Apesar dessas referências, a originalidade do Festival de Lendas de Novo Aripuanã é patente. Não há cultura pura, que não tenha se inspirado em outra

³ O termo “lendada” refere-se ao estilo musical das lendas.

⁴ O gambá é um ritmo musical típico amazônico. A música e a dança do gambá fazem parte da cultura de Novo Aripuanã e seu ritmo mesclado com a toada do boi de Parintins dá vida ao estilo musical das lendas.

ou assimilado elementos dela. É justamente esse que garante a diversidade, uma vez que os elementos estão em constante resignificação.

7. Percepções das contribuições do Fest Lendas para melhoria das condições socioculturais de Novo Aripuanã

O Festival de Lendas de Novo Aripuanã encena a vida da floresta com todos os elementos que fazem parte do folclore e do cotidiano do caboclo amazônico, como os indígenas, os animais, a indumentária, os costumes, as paisagens, as tradições. Assim, a vida é interpretada de maneira que as mensagens de preservação e conservação sejam a tônica das temáticas de cada ano.

Nós falamos da nossa relação com a natureza, uma relação de respeito com a floresta, nós tentamos levar uma mensagem importante que é respeitar e preservar o meio ambiente, então, nossos temas são sempre voltados para nossas essências, vivências, essa é nossa missão. (Raimundo Antônio Corrêa, 2024).

É com base nesse pensamento que se pode aferir que a preocupação na construção do conhecimento por meio da problemática ambiental contemporânea e os desafios para da sociedade atual são temas sempre relevantes, de modo a promover uma apreensão da complexidade desses problemas que emergem cada vez mais pujantes.

Esse compromisso em estabelecer uma espécie de consciência emanada com a perspectiva da essência e da existência interligada à natureza faz do Festival de Lendas importante instrumento para a construção de uma sociedade mais consciente e crítica, principalmente no que tange a realidade de Novo Aripuanã, que vivencia a realidade dos impactos ambientais mais especificamente me relação à questão da exploração vegetal e mineral.

Nesse ano de 2024, nosso tema foi “Elegia: Um lamento Amazônico”, por conta da questão climática e problemas ambientais que estamos passando. Nós trazemos reflexões para arena sobre nossa realidade, nossas dificuldades, sempre retratando a vida cabocla, indígena. Nossa inspiração para compor as músicas e os temas que serão desenvolvidos na arena sempre são da nossa cultura. (Raimundo Antônio Corrêa,2024).

Além desse compromisso socioambiental, o Festival de Lendas também é uma oportunidade de valorizar os artistas da terra, como bem pontuou o colaborador Raimundo Marques:

Em Novo Aripuanã tem muitos artistas, pessoas com dons e muito talento, e alguns deles estão na nossa banda Apurinã, nós buscamos valorizar quem é daqui. Eu por exemplo comecei como brincante e hoje sou compositor, intérprete, ajudo como eu posso. (Raimundo Antônio Corrêa, 2024).

As lendas em suas apresentações exploram várias artes, como música, dança, a cênica, e são uma porta aberta para jovens, crianças e adultos da comunidade que queiram participar. Essas ações contribuem para melhoria das condições socioculturais e econômicas do município e é incentivo para que jovens e crianças desenvolvam seus potenciais artísticos, pois Novo Aripuanã tem exportado muitos artistas para outras festas populares, como afirma a entrevistada:

Nós montamos uma escola de arte e nosso foco é expandir. No ano passado, dois coordenadores da nossa lenda foram até Parintins para obter essa experiência. Na escolinha de artes a gente tem planos de fornecer cursos de artesanato, então, nós queremos sempre incentivar a cultura, mas também através dela poder melhorar a vida das pessoas (Cristiany Regis, 2024).

Ao longo do tempo o festival cresceu e trouxe desenvolvimento e fez com que a cidade fosse conhecida na Região Norte. Isso se deve também às novas tecnologias de transmissão e divulgação nas plataformas digitais. Aquele propósito que os fundadores do festival pretendiam alcançar, segundo eles, foi atingido.

Hoje, Novo Aripuanã é conhecida como a “terra das lendas”, nosso festival já repercutiu e tem um alcance na mídia, tem transmissão no Youtube e se eu não engano uns dois anos que o festival que a equipe da Rede Amazônia vem gravar o festival. (Cristiany Regis, 2024).

Por tudo isso, pode-se dizer que, ao longo dos anos, o Fest Lendas tem proporcionado desenvolvimento ao município de Novo Aripuanã e à sua população, mudanças nos setores social, cultural. Devido à popularidade que a festa atingiu, a cidade se prepara o ano todo para a chegada desse evento, a cada ano que passa, mais transformações acontecem.

08. Conclusão

O Festival de Lendas vem sendo realizado há mais de vinte anos na cidade de Novo Aripuanã e temas como esse vem sendo objeto de estudo para antropólogos, historiadores e áreas afins. Este festival, assim como outros na região amazônica, retrata elementos do

universo do caboclo e do indígena, abordando temáticas de cunho histórico e político, discutindo problemas atuais e desafios futuros, externando, através de suas apresentações, a transmissão de informação à população. É por essa perspectiva que os valores culturais internos e externos afirmam a identidade cultural do povo aripuanense, pois as lendas podem ser compreendidas como representativas das populações marginalizadas do Brasil, como indígenas, que passem a perceberem-se enquanto protagonistas de seu passado e presente para construir uma história no futuro.

É com base nesse pensamento que se conjectura ser possível a construção do conhecimento por meio da problemática ambiental contemporânea e os desafios para educação, a fim de compreender a complexidade do mundo contemporâneo por meio da manifestação cultural. Por conta dessa complexidade pode-se afirmar que o Festival de Lendas de Novo Aripuanã é um fator preponderante para a construção de uma sociedade diferente.

Diante dos depoimentos dos entrevistados, pode-se afirmar que a realização do Fest Lendas possibilita valorizar a cultura e a herança cultural de um lugar levando a população local prezar pela sua cultura. Esses depoimentos também apontam quanto pode ser positiva quanto à realização do festival, pois ele ajudar reforçar a identidade cultural e gera entretenimento para a população local.

09. Fontes Orais

Cristiany Regis. Lenda Ænaupira, entrevista concedida a Rita de Kacia Ribeiro de Oliveira. Novo Aripuanã, Amazonas, Novembro de 2024.

Cristiano Melo, Lenda do Jurupari, entrevista concedida a Rita de Kacia Ribeiro de Oliveira. Novo Aripuanã, Amazonas, Outubro de 2024.

Gilmar Palheta, Lenda do Tucumã, entrevista concedida a Rita de Kacia Ribeiro de Oliveira. Novo Aripuanã, Amazonas, Outubro de 2024.

Raimundo Marques Correa, Lenda do Apurinã, entrevista concedida a Rita de Kacia Ribeiro de Oliveira, Novo Aripuanã, Amazonas, Outubro de 2024.

Domingos Sávio Saldanha Colares, De fest danças ao Fest Lendas, entrevista concedida a Rita de Kacia Ribeiro de Oliveira. Novo Aripuanã, Amazonas, Outubro de 2024.

10. Referências

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011. (Ensaio Latino-americanos, 1).

CASCUDO. Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Publicação S/A. CEJUP, 1995.

CRUZ, Mercia, SANTOS, Juliana, PINTO, Odilon. **Festas Culturais: Tradição, Comidas e Celebrações**, 2008. Artigo apresentado no I Encontro Baiano de Cultura – I EBECULT – FACOM/UFBA. Salvador – Ba, em 11 de dezembro de 2008. Disponível em: https://www.uesc.br/icer/artigos/festasculturais_mercia.pdf Acesso em: 10/11/2024.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. Coleção primeiros passos, editora: Brasiliense, 1994.

LIMA, Maryse Hoyos, P.; AMORIM, Regina Trindade Chagas, C. **Narrativas Orais sobre a festa do gambá: fé e cidadania na comunidade de Pinhel, Pará, Brasil**. **Puçá: revista de comunicação e cultura na amazônia**, [s. L.], v. 10, n. 1, p. 152–169, 2024. Disponível em: <https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/puca/article/view/2942>. Acesso em: 4 dez. 2024.

MEIHY, José Carlos Sebe B. ; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2015.

MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1978.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SOUZA, Inéia Simas. **Festival Folclórico de Parintins: Uma olhar sociocultural e educacional**. 2011. p, 01- 125. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação/Mestrado, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação. UFA- Universidade do estado do Amazonas, Manaus, 2011.